

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8  
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM  
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:  
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

 PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu  
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud

## **1. Historiografia e Teoria**

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)  
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?  
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004  
Vítor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas  
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino  
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes  
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*  
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves  
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

## **2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património**

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia  
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas  
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização  
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)  
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalho
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo  
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis  
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos  
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica  
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche  
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo  
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial  
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem  
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional  
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

### **3. Didáctica da Arqueologia**

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente  
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!  
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico  
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável  
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia  
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades  
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente  
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)  
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia  
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)  
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático  
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia  
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia  
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia  
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu  
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

#### **4. Arte Rupestre**

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal  
Míla Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso  
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa  
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa  
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)  
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009  
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal  
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo  
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar  
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar  
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

## 5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos  
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira  
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG  
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa  
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica  
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I  
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo  
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira  
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo  
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)  
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)  
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)  
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.  
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho  
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio  
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território  
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018  
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967  
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem  
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos  
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

## 6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão  
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado  
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 *O Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média  
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)  
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste  
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final  
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde  
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto  
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga  
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual  
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação  
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado  
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro  
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional  
Francisco B. Gomes

## 7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização  
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?  
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas  
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves  
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro  
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica  
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização  
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico  
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)  
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização  
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego  
Marco Penajóia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa  
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):  
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado  
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,  
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar  
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir  
de um estudo de caso  
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*  
(Santiago do Cacém)  
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária  
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte  
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval  
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016  
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole  
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)  
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /  
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia  
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus  
(Vila Nova de Gaia)  
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na  
Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes

## 8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas  
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /  
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /  
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII  
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica  
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica  
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas  
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão  
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD  
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)  
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela  
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense  
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal  
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média  
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém  
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)  
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa  
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade  
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

## **9. Época Moderna e Contemporânea**

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas  
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa  
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa  
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos  
(Lisboa)  
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos  
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa  
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)  
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana  
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)  
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia  
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa  
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho  
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI  
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças  
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal  
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção  
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos  
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha  
do Alferes, Seixal (século XVI)  
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa  
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures  
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa  
de Época Moderna  
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos  
humanos recuperados  
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica  
na Rua da Vitória nº 15 a 17  
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna  
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT  
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia  
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel  
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário  
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário  
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo  
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA  
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial  
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras  
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico  
Xurxo Ayán Vila / José M<sup>a</sup>. Señorán Martín

# CARTA ARQUEOLÓGICA DA CIDADE VELHA: UMA PRIMEIRA ABORDAGEM

Jaylson Monteiro<sup>1</sup>, Nireide Tavares<sup>2</sup>, Sara da Veiga<sup>3</sup>, Claudino Ramos<sup>4</sup>, Edson Brito<sup>5</sup>, Carlos Carvalho<sup>6</sup>, Francisco Moreira<sup>7</sup>, Adalberto Tavares<sup>8</sup>

## RESUMO

O conhecimento do património cultural sito numa determinada região, constitui um elemento basilar para o desenvolvimento de ações e estratégias eficazes para sua salvaguarda e gestão. O conjunto histórico da Cidade Velha, classificado como Património da Humanidade conserva ainda vestígios arqueológicos que, exigem a sua preservação. Neste sentido, apresenta-se uma primeira abordagem à Carta Arqueológica da Cidade Velha, com a identificação e o inventário de todos os vestígios localizados dentro da área protegida do sítio, que engloba o Vale da Ribeira Grande e o centro histórico, e representam sobretudo, as áreas primordialmente povoadas e a expansão urbana nos séculos XVI e XVII. Os vestígios identificados são autênticos testemunhos da diversidade cultural que caracteriza a trajetória histórica da Cidade Velha.

**Palavras-Chave:** Cidade Velha, Prospecção, Inventário, Carta arqueológica.

## ABSTRACT

The knowledge of cultural heritage in a specific region is a basic element for the development of actions and skills necessary to save and manage. The historic set of Cidade Velha, classified as a World Heritage Site, still preserves traces that allow its conservation. In this sense, a first approach to the Archaeological Map of Cidade Velha is presented, with the identification and inventory of all vestiges, within the protected area of the site, which encompasses the Ribeira Grande valley and the historic center, and represents mainly as primordial populated areas, and urban expansion in the 16<sup>th</sup> and 17<sup>th</sup> centuries. The vestiges identified are authentic testimonies of cultural diversity that characterize a historic trajectory of the Cidade Velha.

**Keywords:** Cidade Velha, Inventory, Prospecting, Archaeological maps.

## 1. INTRODUÇÃO

O projeto Carta Arqueológica da Cidade Velha, enquadra-se no Plano de Gestão da Cidade Velha Património Mundial horizonte 2019-2022, concretamente, dentro do Eixo Estratégico II – *Desenvolvimento Urbano: Conservação e Valorização da Paisagem Urbana Histórica*, cujo principal objetivo prende-se a uma nova abordagem da paisagem histórica e gestão urbana, ou seja, a preservação e a

valorização do património da Cidade Velha, através da conciliação dos desafios da preservação e o desenvolvimento urbanístico, para dar respostas as aspirações das gerações presentes (residentes e visitantes) e futuras. O projeto foi financiado pelo Governo de Cabo Verde através do Gabinete do Ensino superior, Ciência e Tecnologia (GESCT) do Ministério da Educação, e constitui um contributo importante para o conhecimento, gestão e valorização do património arqueológico da Cidade Velha.

1. Instituto do Património Cultural; mjaylson95@gmail.com

2. Bolseira de Doutoramento da FCT; UNIARQ – centro de arqueologia da universidade de Lisboa; Instituto do património Cultural; nireidapereira.cv@hotmail.com

3. Instituto do património Cultural; sashabj.21@gmail.com

4. Instituto do Património Cultural; claudio.ipc.gov@gmail.com

5. Instituto do Património Cultural; edson.brito@iipc.gov.cv

6. Instituto do Património Cultural; carlosiipc@yahoo.com.br

7. Instituto do Património Cultural; franciscolopesmoreira@gmail.com

8. Instituto do Património Cultural; Adalberto.Tavares@iipc.gov.cv

## 2. CIDADE VELHA: BREVE ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO

A Cidade de Ribeira Grande de Santiago popularmente conhecida por Cidade Velha, localiza-se no flanco sudoeste da ilha de Santiago (Figura 1), constitui um pequeno núcleo demográfico, o mais antigo de Cabo Verde, situado junto à costa, numa pequena baía e na foz da ribeira que lhe deu o nome. A cidade possui uma superfície estimada em 164 km<sup>2</sup> distribuídos por duas freguesias: Santíssimo Nome de Jesus e São João Baptista.

Falar da história da Cidade Velha remete-nos para os primórdios da ocupação das ilhas do arquipélago de Cabo Verde, uma vez que, foi na cidade onde tudo começou. As ilhas foram descobertas por navegadores ao serviço da coroa portuguesa, a partir de 1460. Desabitadas na altura, a sua posição geográfica estratégica constituiu um fator decisivo para sua colonização. Assim, a partir de 1462 começaram-se a estabelecer as bases para o assentamento, primordialmente na região sul da ilha de Santiago (Ribeira Grande) que apresentava as condições mais favoráveis, sobretudo, a abundância de água, o que facilitava a prática da agricultura, tendo sido este motivo, determinante para escolha do sítio como centro do povoamento (PEREIRA, 2005, p. 32). Administrativamente a ilha de Santiago foi dividida em duas capitânicas: a do Norte com sede em Alcatrazes, e a do Sul com sede na Ribeira Grande, doada a António da Noli em 1462. O povoamento desenrolou-se com alguns europeus estimulados pelos benefícios comerciais garantidos na Carta de Privilégios de 1466, e por escravos, provenientes da costa ocidental da África. A região serviu de laboratório onde se criavam e testavam espécies animais e agrícolas tanto da Europa como da África que foram introduzidas no continente americano, e vice-versa. A nível cultural, a sucessiva chegada de grupos humanos de diversas regiões e etnias na então vila de Ribeira Grande e a consequente necessidade de comunicação entre eles, contribuíram para o processo de criouliização da ilha de Santiago e para moldar os contornos do povoamento e colonização do arquipélago.

A vila de Ribeira Grande, precocemente transformou num dos principais portos de escala nas rotas atlânticas, facilitando a expansão colonial em direção à África, América e Índias, um importante interposto do comércio escravagista, um ponto de reparação e reabastecimento de navios com manti-

mentos frescos, o que resultou no grande progresso económico acompanhado das mudanças urbanas, sociais, e aumento do poder dos seus moradores. Em 1533, a vila tornou-se sede da primeira diocese da costa ocidental africana e foi elevada à categoria de cidade, tornando-se na primeira capital do arquipélago de Cabo Verde, e na primeira cidade fundada pelos europeus a sul de Saara (BRÁSIO, Vol II, 2<sup>a</sup> série p. 249-254) (Figura 2).

Recebeu muitos investimentos por parte da coroa portuguesa, fisicamente refletida na construção de vários edifícios de cariz militar, civil e religioso, que contribuíram para que houvesse uma morfologia e uma traça urbana relativamente bem definida. Todo este investimento, resultante da importância geoestratégica do arquipélago e sobretudo decorrente do tráfico de escravos, despertava muita cobiça por parte de piratas e corsários estrangeiros que por diversas vezes atacaram a região, e obrigou a organização de uma defensiva militar na cidade.

A partir do século XVII, com a perda da posição estratégica da Ribeira Grande, devido ao desvio das rotas do comércio dos escravos e a abertura dos portos da Guiné para o comércio aos estrangeiros, e o nível de insegurança que reinava na cidade, esta começou a entrar em declínio, e na segunda metade do séc. XVIII, concretamente em 1769, perde o estatuto de capital, que foi transferida para a vila da Praia. A cidade foi abandonada de forma progressiva entrando em ruína, posteriormente, reocupada por populações vindas do interior da ilha, com a construção de singelas habitações, caracterizadas pelo uso de alvenaria de pedra e reutilização de cantarias recolhidas nas ruínas dos monumentos, estes praticavam agricultura e pesca de subsistência.

Importante referir que a cidade foi um local de encontro de culturas que influenciaram fortemente na estruturação da identidade cultural do homem cabo-verdiano. Hoje, a Cidade Velha é um espaço de memória extremamente importante no contexto nacional, com vários testemunhos dos seus velhos tempos, e por excelência um lugar de voluptuosidade para todos os que visitam a ilha de Santiago.

## 3. CLASSIFICAÇÃO DA CIDADE VELHA COMO PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

Em 2009, o conjunto histórico da Cidade Velha foi classificado como Património Mundial resultante do grande esforço e amplo trabalho de salvaguarda

realizado pelo Governo de Cabo Verde. A Unesco reconhecendo a integridade e autenticidade do sítio declara-o como Património Mundial baseado na confirmação de que os vestígios, os monumentos e as paisagens presentes ainda na Cidade Velha: são testemunhos do papel importante que esta paragem outrora representou, e da organização das primeiras trocas marítimas intercontinentais (Critério II); testemunhos das origens e o desenvolvimento do tráfico atlântico, sendo um local importante para a sua organização comercial e experiência precoce de valorização escravagista de um território colonial (Critério III); a Cidade Velha como um local de encontro de culturas africanas e europeias, dando origem à primeira cultura crioula, e lugar de partida para sua difusão em diferentes contextos coloniais das Caraíbas e das Américas – a cidade como um ponto decisivo de reunião de um património imaterial compartilhado entre África, Américas, e Europa (Critério VI)<sup>9</sup>. A Unesco reconheceu a importância histórica da Cidade Velha, mas, chamou atenção para a sua fragilidade, e principalmente, para a necessidade de uma política contínua de salvaguarda do sítio histórico.

#### 4. ARQUEOLOGIA NA CIDADE VELHA

A segunda metade do séc. XX marca o início das intervenções a nível patrimonial na Cidade Velha, com o registo das primeiras ações de salvaguarda dos monumentos do sítio. Dispostas cronologicamente e de uma forma sucinta, as intervenções arqueológicas na cidade são as que se seguem:

- Escavações arqueológicas na Sé Catedral, nos finais da década de 80 e inícios de 90, sob a coordenação do arqueólogo Clementino Amaro (IPPAR) em colaboração com arqueólogos cabo-verdianos (ÉVORA, 2015 p. 22). Estes realizaram escavação no interior da Sé, com a recuperação da planta original do edifício, e diversas tipologias de cultura material (AMARO, 1995, p. 85-87; FREIRE, 1993, p. 65-73).
- Nos finais da década de 90 houve outra campanha de escavação arqueológica na Sé Catedral, dirigidas por Ana Carvalho Dias, enquadrada noutro projeto arquitetónico, também desenvolvido pelo IPPAR e coordenado por Alexandre Braz Mimoso.

9. Cidade Velha, Historic Centre of Ribeira Grande (Site da Unesco: <http://whc.unesco.org/en/list/1310>).

- No mesmo período, nasceu um projeto de salvaguarda do património histórico e arqueológico de Cidade Velha, entre a Agencia Espanhola de Cooperación Internacional (AECID) e o Ministério da Cultura de Cabo Verde. Dentro do projeto foram realizadas escavações na Fortaleza Real de São Filipe e no Convento de S. Francisco, dirigidos por Jorge Juan Silva Ares e Yasmina Cáceres. Nestes, identificaram muitos artefactos arqueológicos de diversas cronologias, tipologias e proveniências que são testemunhos da relação a vários níveis que Cabo Verde, no caso específico, a Cidade Velha mantinha com diversas áreas do globo.
- Nos inícios dos anos 2000, através do projeto internacional do Fórum UNESCO: “*Universidade e Património: O itinerário dos Jesuítas pelas Ilhas Atlânticas*” surge um projeto de recuperação do espaço do Colégio dos Jesuítas na Cidade Velha, tendo como Investigador responsável Konstantin Richter. Os trabalhos de recuperação do Colégio dos Jesuítas incluíam também a recuperação da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, datada do séc. XV. Em 2004/2005, deu-se o início da primeira fase do projeto de escavação na igreja de Nossa Senhora da Conceição, Convento de Jesuítas e Hospital/Igreja de Misericórdia, estas coordenadas por arqueólogos da universidade de Cambridge em parceria com o Instituto do Património Cultural, Universidade Jean Piaget de Cabo Verde e a Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santiago. Os trabalhos tiveram continuidade nos anos seguintes, sobretudo, na igreja de Nossa Senhora da Conceição, mas também, prospeções que facultaram novos dados a nível arqueológico.
- Em 2015, o forte e a ermida de Santo António, foram alvos de intervenções arqueológicas e consolidações das ruínas. Os trabalhos foram realizados pela Escola Al – Sud (Mértola – Portugal), coordenados pelo arqueólogo Virgílio Lopes, auxiliado por alunos da referida escola e trabalhadores locais em parceria com o Instituto do Património Cultural e a Câmara Municipal de Ribeira Grande de Santiago.
- Recentemente (2018-2020), enquadrados no projeto Concha “*The construction of early modern global Cities and oceanic networks in the Atlantic: An approach via Ocean’s Cultural*

*Heritage*”, foram realizadas escavações arqueológicas sob a coordenação de André Teixeira, num contexto habitacional no final da rua Banana – bairro de São Pedro. E, incluídos nos trabalhos de reabilitação arquitetónica da igreja Nossa Senhora do Rosário, decorreram escavações arqueológicas, que culminaram com a redescoberta da segunda capela lateral da igreja, que se encontrava ocultada por escombros caídos da encosta;

- Os trabalhos de acompanhamento arqueológico das obras de reabilitação arquitetónica estiveram sob a responsabilidade dos técnicos do Instituto do Património Cultural.

De uma forma geral, os trabalhos arqueológicos na Cidade Velha, decorreram nos principais monumentos e muitos deles em função de programas de restauros arquitetónicos (Figura 4).

## 5. CARTA ARQUEOLÓGICA DA CIDADE VELHA

A carta arqueológica assume-se como um inventário georreferenciado de sítios com interesse arqueológico e patrimonial, em permanente atualização. Tendo em consideração a necessidade da salvaguarda dos bens localizados na cidade, assume-se como condição fundamental para sua concretização, o conhecimento de todos os vestígios através da investigação histórica, arqueológica de terreno. Assim, revelou-se imprescindível um inventário onde constem a localização de todos os vestígios arqueológicos, independentemente da sua categoria ou cronologia. Para o caso, foi pensada numa carta arqueológica adaptada à Cidade Velha, tendo em consideração, algumas das suas particularidades: cidade classificada como Património Mundial, onde vivem pessoas, com diferentes níveis e intensidades de ocupação, os desafios de gestão do sítio histórico, e as ameaças a que os vestígios estão expostos. Portanto, constituíram objetivos deste trabalho a identificação e reunião num único suporte, dos vestígios dentro do grande sítio arqueológico que é a Cidade Velha, realçando assim o seu potencial arqueológico e patrimonial, a elaboração de um documento que garanta a salvaguarda, a valorização e consequentemente a divulgação do seu legado histórico e patrimonial.

## 6. METODOLOGIAS UTILIZADAS

Um conjunto de metodologias foram utilizadas para a realização da Carta Arqueológica: previamente pesquisas documentais, seguidas da reunião e processamento dos dados recolhidos nas fontes bibliográficas. Tendo em conta, a extensão geográfica da cidade de Ribeira Grande, assumimos como área prioritária para a execução desta primeira fase da carta arqueológica: a Zona Protegida do Sítio Histórico Património Mundial (Figura 5).

Nesta primeira abordagem deu-se uma certa prioridade à revisão de sítios já conhecidos através das bibliografias, mas também, a identificação de vestígios inéditos.

Para o registo dos sítios, foram elaboradas fichas de inventário que comportam a conjugação de diferentes dados relativos aos mesmos: referências bibliográficas, informações recolhidas oralmente, conjugadas com os dados recolhidos no campo (ex: localização por coordenadas, documentação fotográfica geral e detalhada, descrição do acesso e do meio, acessibilidade, descrição física, materiais arqueológicos, etc.). A combinação destes dados, por sua vez, foi importante para avaliar diferentes aspetos fundamentais como: o marco crono-cultural, a periodização histórica, a funcionalidade, o estado de conservação, a avaliação de risco, e determinar precauções e medidas necessárias para a salvaguarda do vestígio inventariado.

A nível dos trabalhos de terreno, várias saídas de campo com a identificação e o inventário dos sítios, através do programa *collector for Arcgis*. Todas as informações recolhidas foram armazenadas e analisadas dentro de um Sistema de Informação Geográfica (com recurso ao programa *ArcGis*).

## 7. LEITURA DOS DADOS OBTIDOS

Da agregação dos dados recolhidos relativamente aos sítios inventariados, há uma demonstração prévia e clara da significativa ocupação do território, sobretudo do centro histórico. Baseados na realidade presente e dos sítios identificados, pode-se adiantar que o número dos sítios e vestígios de interesse arqueológico tende a aumentar, uma vez alargada a área de prospeção dentro da cidade de Ribeira Grande de Santiago (Figura 6).

Todos os sítios identificados encontram-se dentro da área protegida do sítio histórico, exceto dois que

se inserem na zona tampão, estes, devido à sua contiguidade com a zona protegida foram incluídos no inventário. No total foram identificados 58 registos de inventário, sendo:

- 48 Sítios arqueológicos;
- 10 trincheiras com vestígios identificados no subsolo de algumas ruas do centro histórico (tomando cada uma um registo de inventário).

Dos sítios identificados 41 são conhecidos pela bibliografia e 17 são inéditos, estes localizam-se em todos os bairros e zonas integrantes da área protegida do sítio histórico, o que remete para uma ocupação alargada na cidade, embora, com maiores registos nalguns bairros em detrimento de outros. Nota-se uma maior concentração dos sítios no centro histórico à volta do porto, indicando uma intensidade de ocupação nessa área, uma vez que, a cidade esteve profundamente conectada e dependente durante muito tempo do seu porto para a sua subsistência e desenvolvimento, principalmente, por causa das atividades comerciais que ali desenrolavam. Estamos, portanto, perante uma cidade que se desenvolveu ao redor e a partir do seu porto, e isso reflete na localização dos vestígios inventariados, algo que também é confirmado pela diminuição e dispersão dos vestígios, à medida que se entra pela ribeira adentro.

Algumas ruas localizadas no centro histórico foram incluídas no inventário, por terem sido identificados vestígios arqueológicos móveis e imóveis no subsolo (trincheiras), vestígios estes registados no decorrer de intervenções arqueológicas e outros trabalhos, em que foi fundamental o acompanhamento técnico a nível de arqueologia. Da análise de todos os casos dos vestígios no subsolo, pode-se concluir de uma forma geral, que os níveis primordiais de ocupação da cidade (Séculos XV, XVI, XVII) estão abaixo do nível atual, devido principalmente, às mudanças ambientais decorridas ao longo dos tempos.

## 8. TIPOLOGIA

Diversas foram as tipologias construtivas dos vestígios inventariados, o que vem ao encontro dos dados alusivos na documentação escrita e a dinâmica da cidade ao longo do tempo, o que exigia diferentes estruturas e infraestruturas para encaixar na organização urbana, auxiliando no seu bom funcionamento (Figura 7).

Os vestígios inventariados inserem em sete categorias tipológicas, com destaque para as estruturas

religiosas e militares. Fazem parte dos edifícios religiosos: igrejas, capelas, ermidas, convento, catedral, seminário e palácio episcopal. O elevado número de estruturas religiosas em comparação a pequena urbe, deve-se a importância que a cidade detinha: como escala essencial nas rotas de expansão marítima pelo atlântico, um dos pontos-chaves no tráfego de escravos, e, como sede do bispado da costa ocidental africana. Os edifícios militares refletem o grande desenvolvimento que a Cidade de Ribeira Grande teve por volta dos Séculos XVI e XVII, que a tornou alvo de muita cobiça, por parte de estrangeiros, sendo, por diversas vezes atacada por piratas e corsários. Perante esta situação, foi organizada uma defensiva militar na cidade, sobretudo, no Período Filipino (1580-1640), com a construção de vários aparelhos defensivos, constituindo o maior e mais eficiente sistema defensivo do arquipélago na altura. Para a implantação dos edifícios militares escolheram-se locais estratégicos, e uso de materiais e técnicas construtivas de excelentes qualidades. No inventário, encontram-se também inseridos estruturas residenciais, equipamentos e infraestruturas, estrutura comercial e judicial/prisional, embora, em menores quantidades. Não foi possível atribuir uma categoria tipológica específica a 15 registos, que, correspondem essencialmente a muros e vestígios de construções antigas, em ruínas, ao ponto de não serem categorizados a priori.

## 9. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Os sítios arqueológicos da Cidade Velha, apresentam uma certa fragilidade, por um lado pela sua cronologia, e por outro, pelas constantes ameaças naturais e humanas a que estão expostos. Desse modo, constitui um elemento importante na gestão do conjunto, o controle, a manutenção, a salvaguarda e a divulgação dos mesmos. Regista-se no geral, uma grande quantidade de sítios em mau estado de conservação, o que constitui um alerta para a salvaguarda e gestão do conjunto histórico. As ameaças que causam a deterioração e condicionam a preservação dos sítios identificados, estão relacionadas com o ambiente natural (erosão solar, marinha, eólica, a aridez do clima) e por ações humanas (lixo/depósitos, vandalismo, atividades agrícolas e criação de animais dentro ou nas imediações dos vestígios, desrespeito pelos monumentos, etc.).

Reconhece-se que é preciso um grande trabalho de sensibilização patrimonial, através, da transmissão

dos conhecimentos sobre o património em apreço. A carta arqueológica é importante neste processo, por constituir uma síntese do património da cidade, indicando especificamente para cada vestígio inventariado as ameaças, precauções e medidas de melhoramento a serem tomadas (Figura 8).

## 10. CRONOLOGIA

Desconhece-se a maior parte da classificação cronológica dos vestígios inventariados. Os vestígios identificados ao qual pode-se aferir uma cronologia, inserem-se entre os finais do século XV e século XVIII. Destes, destaque para os vestígios do século XVI, com maiores números de registo, que correspondem também ao período de maior desenvolvimento da cidade e do seu espaço urbano (Figura 9).

## 11. ÁREAS DE RISCO / ÁREAS DE SENSIBILIDADE ARQUEOLÓGICA

Após a identificação dos vestígios na área protegida do sítio histórico Património Mundial, revelou-se necessário a definição de diferentes graus de riscos e ou sensibilidades arqueológicas num contexto mais alargado dentro da cidade, como forma a acautelar possíveis impactos sobre os vestígios.

A carta de risco constitui um documento que regista a delimitação de zonas submetidas a um determinado tipo de risco, no caso específico, riscos sobre os vestígios históricos e arqueológicos frente a um determinado tipo de ocupação, podendo ser ela urbana, rural, agrícola, etc., como o caso da Cidade Velha. A carta considera e classifica os diferentes graus de riscos, com a determinação de medidas e precauções a serem efetuadas a fim de salvaguardar os vestígios. O conhecimento e análise dos riscos e perigos a que os vestígios estão expostos auxiliam na prevenção, permitem que as precauções e decisões sejam tomadas com bases em informações seguras, e, caso surjam intempéries uma boa gestão dos riscos proporciona a tomada de resoluções eficazes para minimizar os impactos (Figura 10).

Como referido, a determinação dos graus de riscos e ou sensibilidades arqueológicas, abrangeram um contexto mais amplo dentro da urbe, incluindo a zona protegida do sítio histórico e grande parte da sua zona de Tampão. Foram definidos previamente, cinco graus de riscos desde Muito elevada a Muito reduzida, em função dos vestígios já identificados

e da potencialidade de identificação de novos vestígios em diferentes áreas. As áreas com maior potencialidade, localizam-se essencialmente no centro histórico e na extensão da ribeira.

De uma forma geral, em todas as áreas mencionadas há que se ter algumas precauções devido a probabilidade da existência de vestígios importantes para a compreensão de aspetos identitários do país, ainda que essa probabilidade seja maior numas zonas em detrimento de outras.

## 12. CONSIDERAÇÕES

Os bens patrimoniais são considerados essenciais por serem testemunhos e memórias da história e da identidade, e estes em especial, por se localizarem na Cidade Velha, berço da nação cabo-verdiana, classificada como Património Mundial, onde é essencial a salvaguarda do seu valor universal excecional.

Tem-se criado e executado algumas medidas e soluções para a preservação do centro histórico, aliás, uma das advertências da Unesco, encarando particularmente, a Cidade Velha como um grande sítio histórico-arqueológico com diversos vestígios que necessitam de ser identificados e conhecidos. Nesta perspectiva, pensou-se na materialização de um instrumento de gestão dos vestígios muito importante, que fazia falta num centro histórico classificado como Património Mundial, e era inconcebível a sua inexistência: a carta arqueológica.

Sobre o projeto “Carta arqueológica da Cidade Velha”, dos trabalhos realizados e dados recolhidos, apesar do pouco tempo e de algumas limitações que caracterizaram alguns momentos da sua execução, são sobretudo reveladores do potencial arqueológico da região. Este potencial, constitui por si só um forte motivo para a continuação do projeto, incluindo outras vertentes investigativas, para além, do alargamento das áreas de prospeção à área de tampão do sítio histórico, por exemplo, a realização de sondagens e escavações arqueológicas em sítios potenciais, o planeamento de melhores estratégias de gestão dos vestígios.

Dito isto, os resultados desta primeira fase são considerados satisfatórios, principalmente, pela oportunidade de georreferenciar, caracterizar, identificar os sítios, as ameaças a que estão sujeitos e indicar medidas de conservação eficientes e alargadas. Com estes dados identificados, agora será possível de uma forma mais fácil e abrangente planear programas e

medidas de atuação nos vestígios identificados, de forma a materializar a política contínua de salvaguarda exigida pela Unesco.

## BIBLIOGRAFIA

- ALBURQUERQUE, L. de; SANTOS, M. E. M. (Eds.) (1991) – *História Geral de Cabo Verde*. Vol. I. Lisboa e Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical e Direção Geral do Patrimônio Cultural de Cabo Verde, 478 p.
- ALBURQUERQUE, L. de; SANTOS, M. E. M. (Eds.) (1995) – *História Geral de Cabo Verde*. Vol. II. Lisboa e Praia: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical e Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde, 596 p.
- AMARAL, I. do. (1964) – Santiago de Cabo Verde: a terra e os homens. Lisboa: *Memórias da Junta de investigação do ultramar*, nº 48 2ª série, (1964), 444 p.
- AMARO, C. (2012) – Sé da Cidade Velha, República de Cabo Verde, Resultados da 1ª fase de campanhas arqueológicas. *Velhos e Novos Mundos: Estudos da Arqueologia Moderna*, Vol. I. p. 451-464.
- ARES, J.; CÁCERES, Y. (2000) – Restabelecimento do passado: I. Investigações arqueológicas na Real Fortaleza de São Filipe. In: *Cabo Verde, fortaleza, gentes e paisagem*, ed. Bilingue Agencia Espanhola Cooperação Internacional, pp. 133-163.
- ARES, J.; CÁCERES, Y. (2002) – A história de Cabo Verde através dos seus monumentos emblemáticos. A escavação do Convento de S. Francisco – Cidade Velha, Cabo Verde. *IV Colóquio Internacional de estudos sobre África e Ásia*. Elche, Alicante: Instituto de cultura Juan Gil-albert, Diputación Provincial de Alicante, concejalía de cultura de Elche, pp. 209-229.
- ARES, J.; CÁCERES, Y. (2005) – Una Fortaleza Filipina en las islas de Cabo Verde. La Fortaleza Real de San Filipe en Ribeira Grande. *II Congreso Internacional de castelología Ibérica*, 8-11 de Novembro de 2001. Alcalá de la Selva (Túria). Diputación de Turuel, Madrid, pp. 765-778.
- BARCELLOS, C. J. de S. (1899) – *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*. Tomo I, partes I e II. Lisboa, Typographia da Academia Real das Ciências.
- BRÁSIO, A. (1960) – Monumentos sacros de Santiago. In *Boletim de Propaganda e Informação*: Ano XI, n.º 130 (Julho de 1960), pp. 28-31.
- BRÁSIO, A. (1963) – *Monumenta Missionária Africana. África Ocidental (1500-1569)*. 2ª Série, Vol. II. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 581 p.
- CARREIRA, A. (1985) – *Notícia corográfica e cronológica do bispado de Cabo Verde desde seu princípio até ao estado presente, com um catálogo dos excelentíssimos Bispos, governadores e ouvidores e os seus sucessos mais memoráveis e verídicos, tirados de livros e papéis antigos. E assim mais algumas insinuações dos meios mais conducentes para o restabelecimento dele, por se achar na última decadência composta pela infatigável diligência de um amante da pátria e leal vassalo de sua majestade fidelíssima 1784*. Apresentação, notas e comentários por António Carreira. Lisboa: Instituto Caboverdiano do Livro, 116 p.
- DIAS, A. C. (2000) – *Relatório da intervenção arqueológica na Sé da Cidade Velha Cabo Verde* – Outubro/Novembro de 1999, 98 p.
- EVANS, C.; SORENSEN, M. L. S.; HILL, J.; RICHTER, K. (2006) – *Cidade Velha, Cape Verde, Archaeological Excavations: The 2006 Season*. Unpublished archive report: University of Cambridge, 37 p.
- EVANS, C.; SORENSEN, M. L. S.; HILL, J.; RICHTER, K. (2007) – *Cidade Velha, Cape Verde, Archaeological Excavations: The 2007 Season*. Unpublished archive report: University of Cambridge, 70 p.
- EVANS, C. (2009) – *Cidade Velha, Cape Verde - Archaeological Fieldwork*. Cambridge Archaeological Unit/University of Cambridge, 7 p.
- EVANS, C.; SORENSEN, M. L. (2010) – *Cidade Velha, Cape Verde, Archaeological Fieldwork Dec. 2009 – Feb. 2010*. Dept. of Archaeology/University of Cambridge, [S/p].
- EVANS, C.; SORENSEN, M. L. S.; NEWMAN, R.; CASIMIRO, T. (2014) – *Cidade Velha, Cape Verde 2014 – Church Excavations*. University of Cambridge, 21p.
- ÉVORA, J. S. (2015) – O Futuro da Arqueologia em Cabo Verde & Outras reflexões sobre a história e o Património das ilhas. Praia: *Arquivo Nacional de Cabo Verde*.
- FREIRE, V. dos R. (1993) – *A experiência Cabo Verdiana, no domínio do património. Africana*. Porto, Universidade Portucalense, nº Especial, 1993, p. 65-73.
- PEREIRA, D. A. (1988) – Marcos Cronológicos da Cidade Velha. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro – *Estudos e Ensaio*, 152 p.
- PEREIRA, D. A. (2005) – Estudos da História de Cabo Verde. Praia: *Alfa comunicações*, 2ª ed. (revista e aumentada) Junho de 2005, 366 p.
- PIRES, F. de, J. M. dos, R. (2004) – *Da cidade de Ribeira Grande à Cidade Velha em Cabo Verde Análise Histórico-Formal do Espaço Urbano Séc. XV–Séc. XVIII*. Praia. Câmara Municipal da Praia, 221 p.
- TAVARES, N. P. (2017) – *Inventário arqueológico de Cabo Verde contributo para uma ferramenta de gestão e valorização do património cultural*. Dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Vol. I 161p; VOL. II. 97 p.

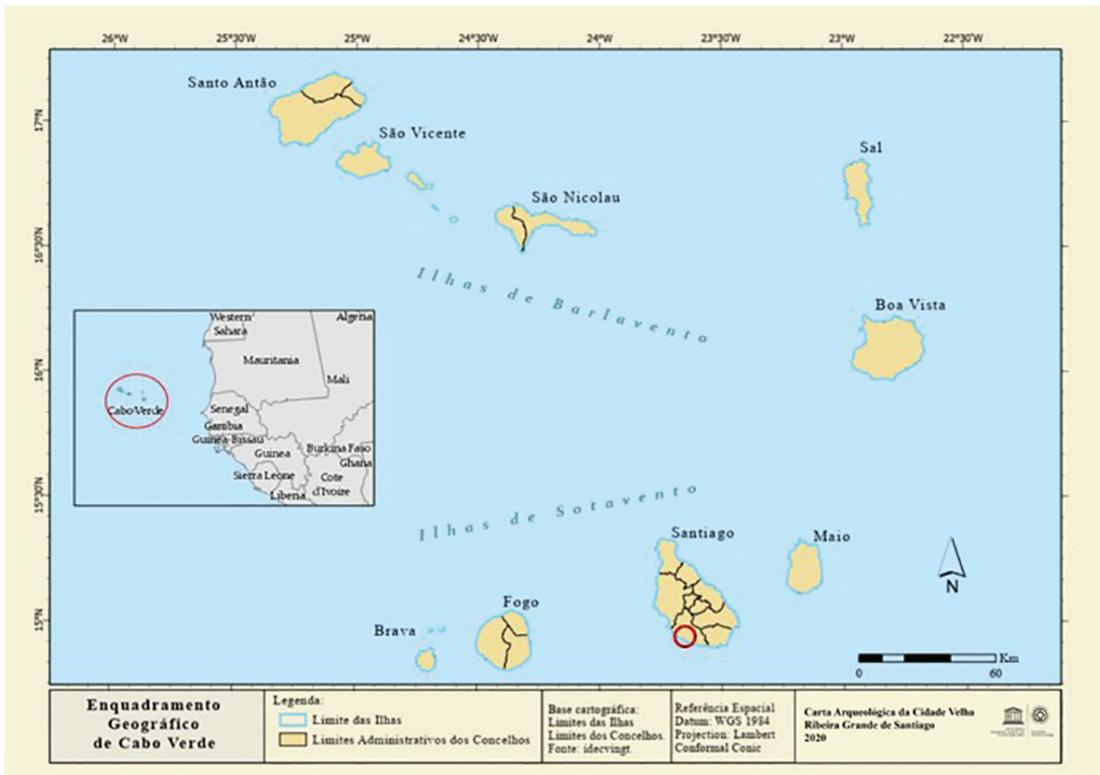


Figura 1 – Enquadramento Geográfico do arquipélago de Cabo Verde e da Cidade Velha (Fonte: representação cartográfica realizada no âmbito do projeto “Carta arqueológica da Cidade Velha”).

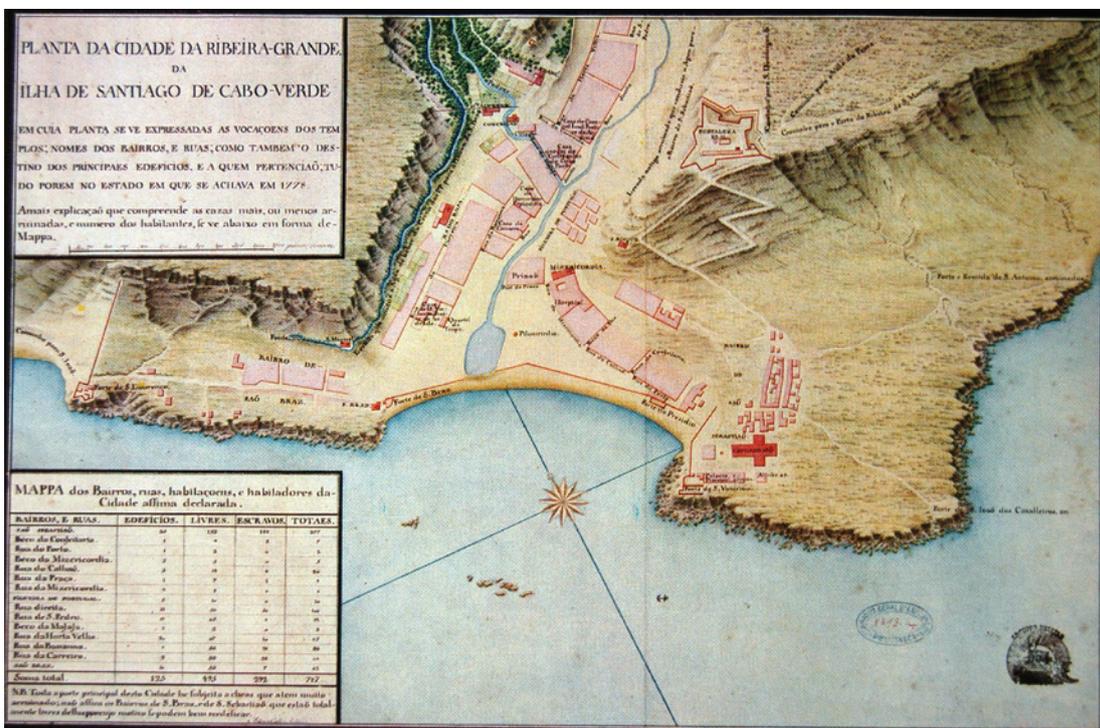


Figura 2 – Planta da Cidade da Ribeira Grande da ilha de Santiago de Cabo Verde” António Andréis Ca. 1778, AHU.



Figura 3 – Vista da Cidade Velha (Fotografia: IPC, 2019).



Figura 4 – Escavação arqueológica da Igreja de N. S. da Conceição Séc. XV (Fotografia: IPC, 2015).



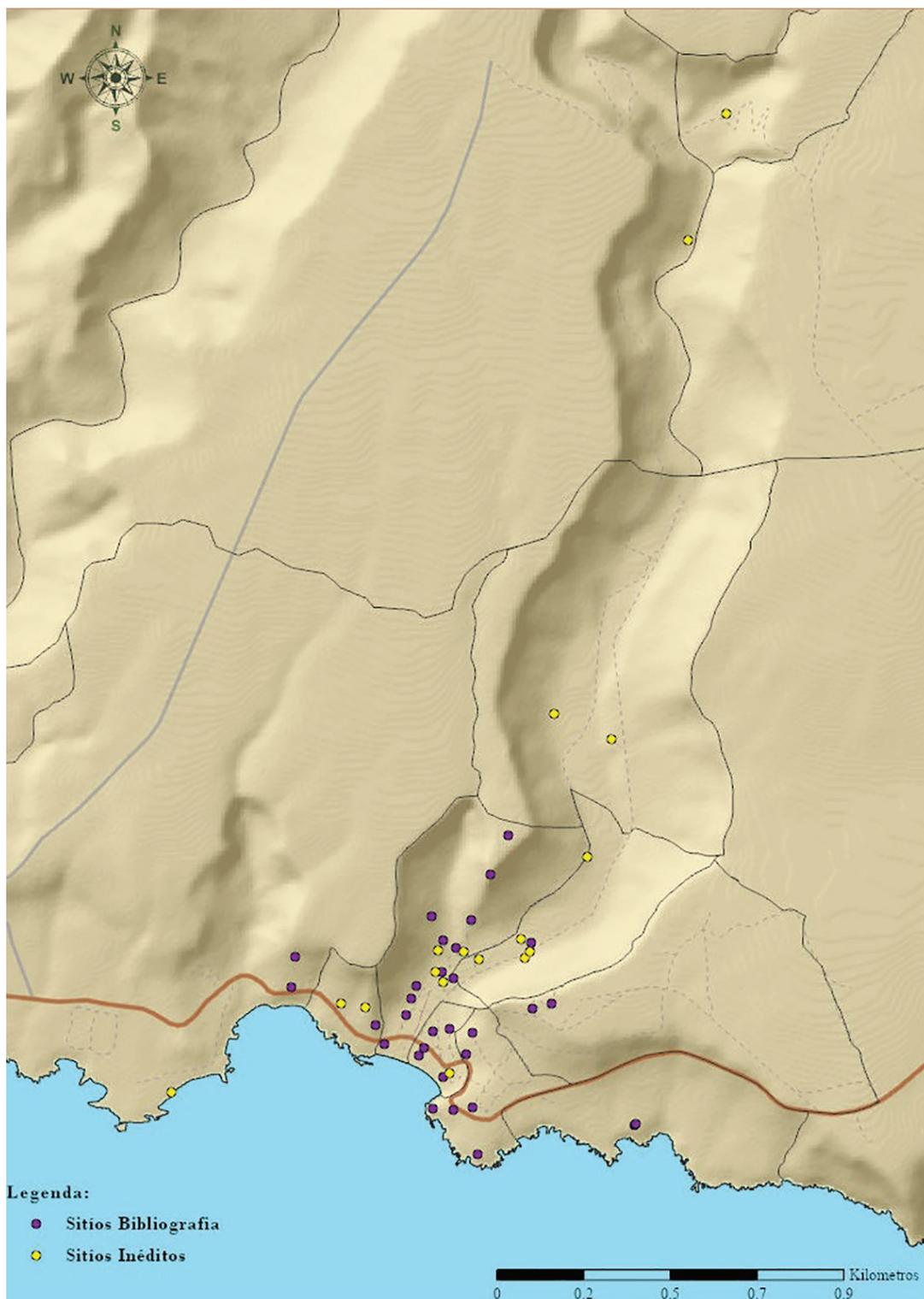


Figura 6 – Sítios arqueológicos conhecidos pela Bibliografia e inéditos da Cidade Velha (Fonte: Representação Cartográfica realizada no âmbito do projeto Carta Arqueológica da Cidade Velha).

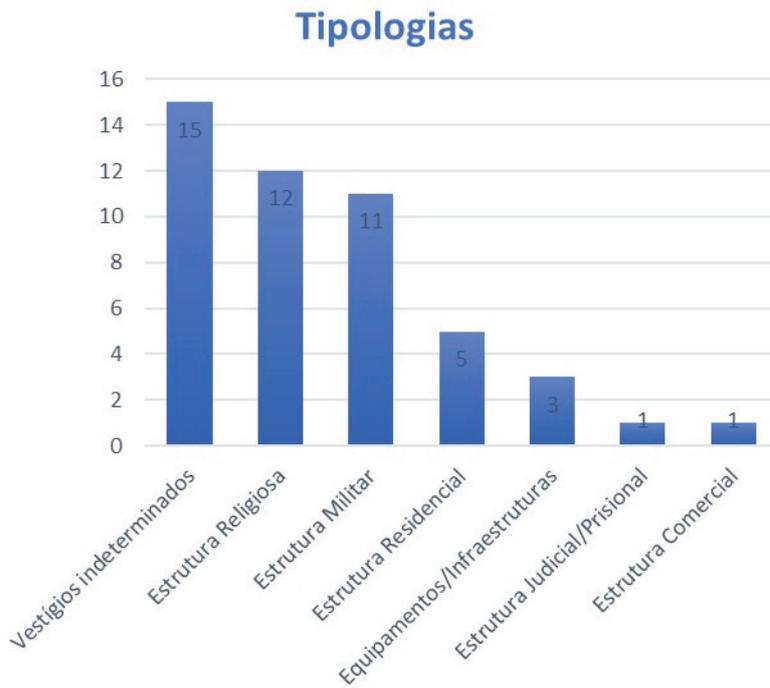


Figura 7 – Tipologias dos vestígios inventariados.

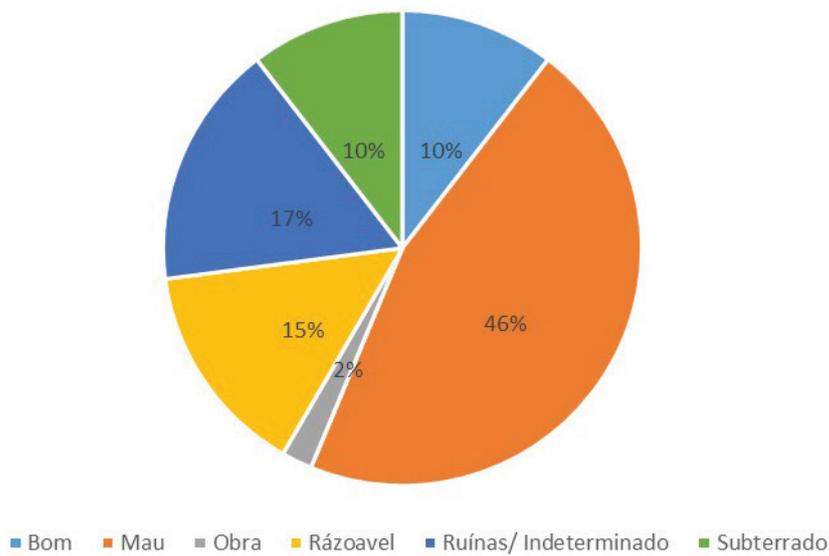


Figura 8 – Estado de conservação dos vestígios inventariados.

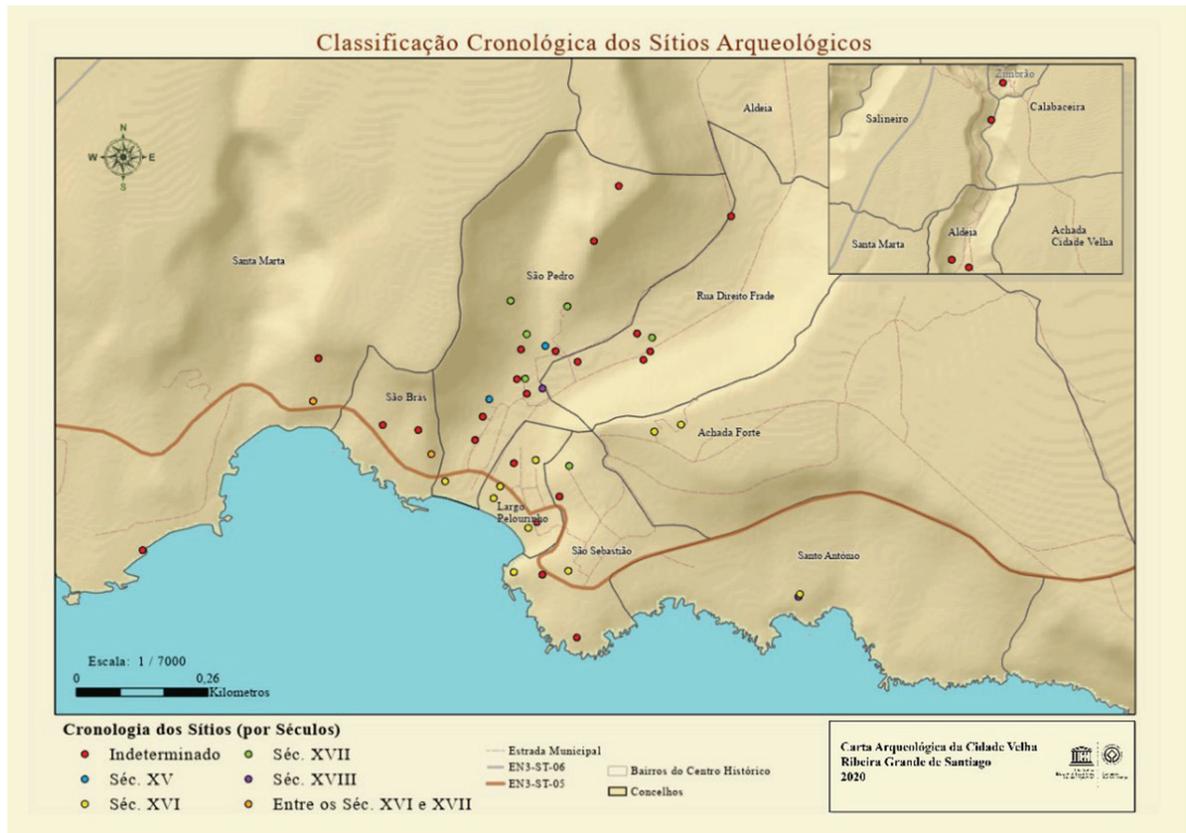


Figura 9 – Cronologias dos sítios (Fonte: Representação Cartográfica realizada no âmbito do projeto Carta Arqueológica da Cidade Velha).

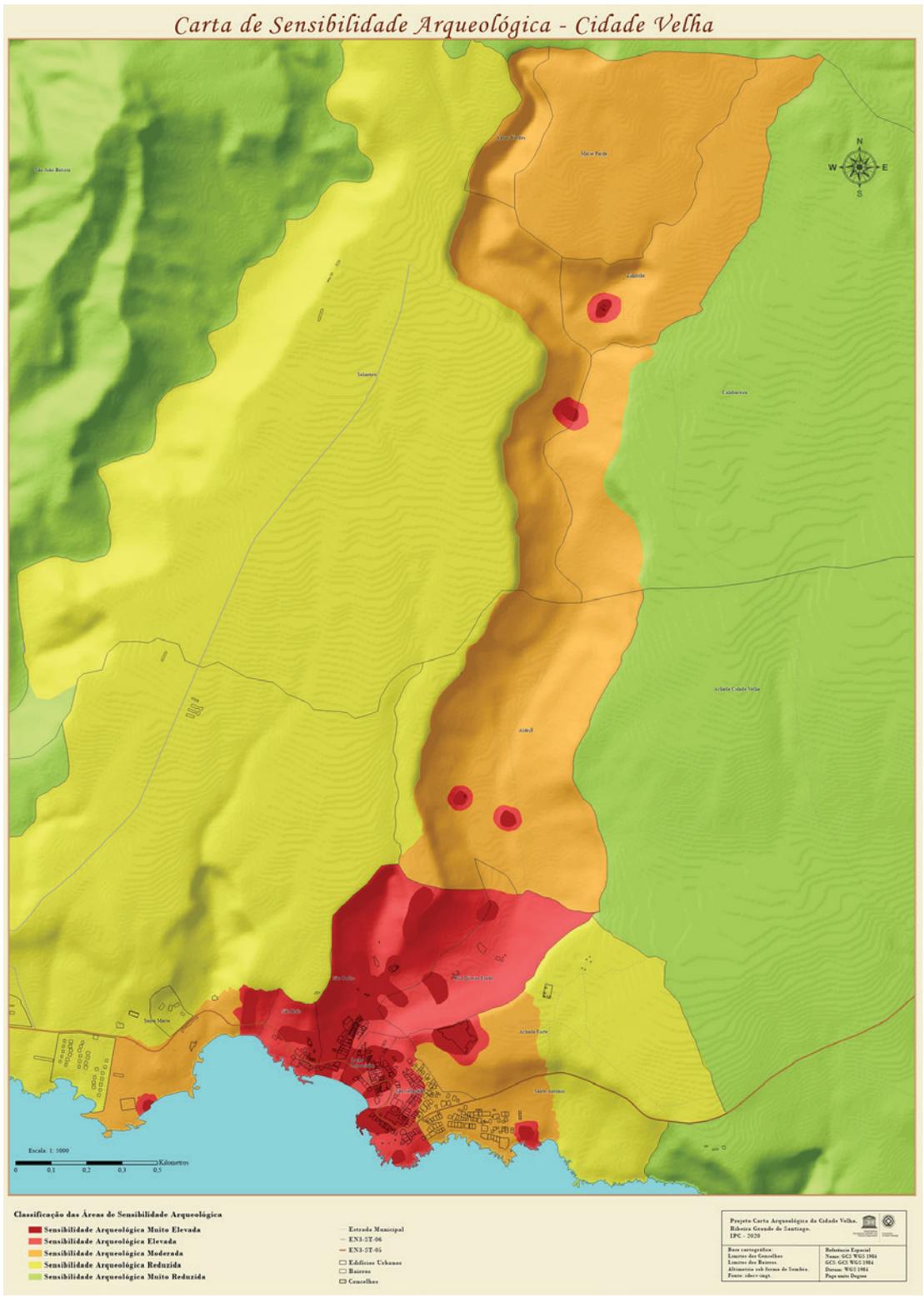


Figura 10 – Áreas de risco ou áreas de sensibilidade arqueológica – Cidade Velha.





**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

**CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**U** PORTO  
FLUP FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

**musaji**  
municipal do porto

